

**OS EXCESSOS DA PAUSA SINTÁTICA LONGA
NA INTERAÇÃO VERBAL:
UMA ANÁLISE CONVERSACIONAL
DE CARÁTER ENUNCIATIVO**

Silvio Nunes da Silva Júnior (UNEAL)
junnyornunes@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo objetiva discutir acerca da análise da conversação, mais precisamente, dos excessos da pausa sintética longa na interação verbal, embasando a discussão no sistema de transcrição oral REDIP, adaptado por Ramilo & Freitas (2002). Nesse sentido, propõe-se, em primeiro plano, refletir sobre a linguística da enunciação, sendo esta a área expansiva da linguística que se detém em estudar a interação. Diante disso, voltam-se os sentidos para a análise da conversação, que, particularmente, utilizando suas origens etnometodológicas e linguísticas, propõe-se a analisar dados de fala a partir do método de transcrições conversacionais. Entretanto, destaca os excessos da pausa conversacional na interação verbal por meio de entrevistas realizadas com indivíduos aleatoriamente. Foi possível constatar que o sentido da pesquisa de destacar os excessos das pausas acabou sendo satisfatório, pois as ocorrências foram constantes na análise do *corpus*.

Palavras-chave: Conversação. Interação verbal. Linguística da enunciação.

1. Introdução

[...] a análise da conversação é uma tentativa de responder a questões do tipo: como é que as pessoas se entendem ao conversar? Como sabem que estão se entendendo? Como sabem que estão agindo coordenada e cooperativamente? Como usam seus conhecimentos lingüísticos e outros para criar condições adequadas à compreensão mútua? Como criam, desenvolvem e resolvem conflitos interacionais? (MARCUSCHI, 2007, p. 7)

Nesse sentido, o presente trabalho objetiva discutir e responder de forma generalizada os questionamentos apresentados por Marcuschi sobre os estudos da conversação, partindo do princípio da linguística da enunciação, como área linguística responsável pelo estudo interacional. Posteriormente, uma reflexão sobre a análise da conversação.

A linguística da enunciação faz parte dos estudos lingüísticos há alguns anos. Esta área engaja-se particularmente na semântica argumentativa, na pragmática, na análise e teoria do discurso, e na análise da conversação, sendo a última, norteadora do presente estudo.

Nesse sentido, como afirma Cunha (1999, p. 45), a linguística da enunciação “abrange as correntes de estudo da língua que adotam a concepção de linguagem como processo de interação”. Por isso, atua com tanta importância na análise da conversação, que tem como objetivo analisar e transcrever dados de fala das conversações.

A análise da conversação, encaixando-se na linguística da enunciação, possui outras origens. Para Rosa (1992, p. 15),

os primeiros trabalhos da análise da conversação se inspiraram na etnometodologia proposta por Garfinkel (década de 60) e na antropologia e sociologias cognitivas, que buscavam descobrir no exame do comportamento diário, o conhecimento comum que embasa toda a interação social.

Com isso, vê-se que o estudo das conversações, surgiu a partir de uma inquietação, que, até então, não tinha origens na linguística, e, a partir a etnometodologia, começou a surgir às ligações que hoje fazem parte da linguística, de cunho enunciativo.

Contudo, pretende-se destacar, no que diz respeito ao aparato metodológico, as ocorrências de pausa sintática longa nas conversações de colaboradores aleatórios, destacando, assim, um estudo acerca da interação verbal, visto a partir daí uma pesquisa da análise da conversação, com grande ênfase da linguística da enunciação.

Esse trabalho ancora-se em teóricos atuantes na linguística da enunciação e, de modo particular, na análise da conversação, que são eles: Marcuschi (1997), Goffman (1981), Kerbrat-Orecchioni (2006) Ramilo & Freitas (2002), Binet (2012), Schiffrin (1994), Sacks, Schegloff & Jefferson (1974), Rosa (1992), dentre outros.

2. *Linguística da enunciação: algumas reflexões*

Nos primórdios linguísticos, partindo do princípio do *Curso de Linguística Geral*, no ponto de vista estrutural de Saussure, percebe-se que os estudos linguísticos ficaram presos por anos na noção Saussuriana de que a língua e a fala são dadas como sistema.

Mesmo diante da grande e expansiva largada dada pelo gerativismo de Chomsky, prometendo revolucionar o estudo linguístico, diferindo da concepção saussuriana de língua e fala, percebe-se que os resultados alcançados, devido a essa expansão, não foram tão favoráveis ao que pensava Chomsky diante da sua teoria gerativa. Tal situação fez com

que, depois dos estudos avançados de Chomsky, a dicotomia Saussuriana ainda prevalecesse, de modo que ainda permanece na linguística como objeto, através da divisão competência/desempenho.

A partir desse dinamismo que surge a partir do dado objeto da ciência linguística, percebe-se que, como a linguística não é, nem foi a primeira ciência a ser concretizada, devido a isto, teve que contar com o conceito de estabilidade já existente. Já em sentido opositivo, tem-se a tendência de ciência contemporânea, contemplando o estudo das instabilidades, desse modo, criando um esquema entre forças coesivas e dispersivas, que, ao comparar-se com a concepção de Fiorin, torna-se mais compreensível em forma de jogo, visto que, “quando a instabilidade gera o risco de incompreensão ocorre à estabilização e quando esta produz uma ossificação acontece um processo de instabilização” (FIORIN, 2002, p. 20).

Visto isso, vale ressaltar que Fiorin, ao tempo em que vê a ciência linguística como um jogo, procura estabelecer uma explicação sistemática para com o desenvolvimento dessa ciência no mundo, contribuindo, assim, com novas pesquisas que surgiram através das diversas concepções no estudo linguístico.

A linguística como ciência ampla, que abrange as discussões mais diversas acerca dos fenômenos da língua, possui vários dimensionamentos, que quando expostos, acabam complementando uns aos outros. Dessa maneira, ressalta-se a teoria enunciativa, que como afirma (GIACOMELLI, 2005, p. 833) “[...] abriga-se uma variedade de correntes e teorias que, tratando do fenômeno enunciação, recebem denominações diferentes de acordo com o modo como tratam tal objeto”. Nesse sentido, a teoria da enunciação aborda desde seu princípio as linhas que estudam a interação, assim como a análise e a teoria do discurso, a linguística textual, a semântica, no que tange ao contexto argumentativo, como, também, a pragmática e a análise da conversação.

Em outra conceituação, pode-se dizer que a linguística da enunciação opõe-se à concepção formalista da linguagem, pois, como a abordagem formalista, vê a linguagem como um conjunto de frases, expressando o pensamento e descrevendo as frases sem depender do contexto no qual as mesmas estão situadas, o que tange a teoria da enunciação difere dessa concepção, em que a linguística da enunciação, como área de estudo da interação, defende uma visão de organização em suas pesquisas científicas, onde tudo deve ser organizado em seus respectivos conceitos

de estudos. Em outras palavras, a linguística da enunciação adota uma perspectiva funcionalista, e não formalista.

Quando se voltam os olhares para o estudo da interação, é válido ressaltar as contribuições Bakhtinianas para o estudo linguístico da enunciação, devido à grande expansão que as concepções de Bakhtin tomaram nessa área. Dessa maneira, o autor define uma ordem que deve ser seguida no decorrer dos estudos da linguagem; elas são apontadas por (BAKHTIN, 1977, p. 137)

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas onde esta se realiza.
2. As formas das enunciações distintas, os atos de fala, em ligação estreita com a interação da qual eles constituem os elementos /.../
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual.

Tomando como base o que foi citado, vê-se que a concepção bakhtiniana está de acordo com o que foi falado anteriormente, quando foi visto que os estudos da enunciação seguem uma organização, por isso, não condiz com a perspectiva formalista. Desse modo, tanto a análise do discurso, como a linguística textual, a análise da conversação, a semântica e a pragmática devem seguir essa ordem, ou seja, essa organização dada por Bakhtin.

Desse modo, como Bakhtin vê a linguística da enunciação como estudo da interação, busca destacar em primeiro plano o objeto de estudo, afirmando que, para estudar a interação, deve-se preocupar primeiramente com as condições nas quais a pesquisa deve estar. Portanto, não se pode estudar a interação, se não souber qual o tipo de interação se busca investigar, o fenômeno investigativo que o pesquisador busca discutir, como também, outras peculiaridades.

O autor também ressalta que as teorias enunciativas que visam, em seu princípio, estudar a interação, e utilizam os dados de fala para a constituição de alguns dos seus aparatos metodológicos, criando, assim, essa ligação estreita que forma os elementos.

Contudo, a concepção bakhtiniana também destaca a hoje denominada “análise” como exame das formas da língua, ou seja, analisar as formas da língua de acordo com a interpretação linguística em que a pesquisa se situa.

Visto a maneira na qual a interação pertence e caracteriza os estu-

dos da linguística da enunciação, voltam-se os olhares, nesse contexto, para a análise da conversação, que aborda e tem como principal objeto de estudo e pesquisa a interação verbal e não verbal, adotando criteriosos métodos de transcrição, com origens influenciadas pela sociologia e os aspectos teóricos e práticos da linguística da enunciação.

3. Análise da conversação

Todo ser humano realiza vários atos em seu dia a dia, como também possui algumas habilidades que são imprescindíveis no convívio social, entre elas está a interação.

As interações verbais e não verbais caracterizam-se pela comunicação por meio da produção de sentidos. Algumas áreas que abordam a fala tratam da produção de sentidos de maneira especificada (linguagem verbal, linguagem não verbal, e linguagem mista). Dessa maneira, voltando os olhares da interação para a linguística de *corpus*, vê-se que a mesma é imprescindível e principal objeto de pesquisa da análise da conversação.

A conversação ocorre no dia a dia das pessoas, em várias formas, seja pela fala entre dois indivíduos, como também pela interação entre dois deficientes auditivos utilizando a linguagem de sinais, dentre outras formas. A análise da conversação busca, em linhas gerais, estudar individualmente a conversação que acontece no dia a dia dos indivíduos, em todos os seus aspectos e peculiaridades.

A análise da conversação começou a ser abordada nos estudos linguísticos nos anos 60, sendo trazida para o Brasil por Marcuschi 20 anos depois de os estudos serem iniciados. De acordo com Pereira (2005), os estudos da conversação foram inicialmente influenciados pela antropologia cognitiva e pela etnometodologia. É viável destacar que, com estas influências, a análise da conversação é vista em uma perspectiva de cognição da linguagem, como, também, aborda um estudo metodológico e transcrito, não se prendendo ao som ou ao movimento presente na conversação.

Em seus primeiros estudos, a análise da conversação visava a uma perspectiva estrutural, como afirma Oliveira, (2008, p. 13): “Os primeiros estudos da análise da conversação estavam preocupados em descrever as estruturas das conversações e seus mecanismos organizadores”.

Com essa concepção, destacam-se os principais e primeiros investigadores da área buscaram definir a tomada de turnos no estudo conversacional, sendo eles Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), que, em seus estudos, definiram a tomada de turno por dois motivos: a) aquelas cujo próximo turno é designado pelo falante atual, selecionando um próximo falante; e b) aquelas cujo próximo turno é determinado por autosseleção.

Nesse contexto, faz-se *mister* destacar o meio em que a análise da conversação denomina para suas pesquisas. Diante das explicações voltadas à conversação expostas anteriormente, complementa-se destacando que, em seus primórdios, os estudos da conversação defendiam uma perspectiva normativa, ou seja, tratava em seus princípios estudar a conversa em norma culta, assim como para Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 16), a análise da conversação “preocupava-se em estudar as regras da ‘arte de bem conversar’”. Em uma visão geral, os primeiros estudos conversacionais preocupavam-se em estudar a interação verbal numa perspectiva culta, normativa e estética.

Visando à concepção de estudo proposta nos primórdios dos estudos conversacionais ao longo dos anos, foi vista a necessidade de expandir o estudo de maneira mais abrangente, destacando principalmente os aspectos linguísticos, como também, paralinguísticos e socioculturais. Com isso, o estudo conversacional começou a tratar também de situações informais, que não se prendem apenas ao estudo normativo e estético.

Atualmente, com a expansão dos estudos conversacionais, essa área linguística estuda e investiga todo fenômeno que ocorre na conversação verbal e não verbal, enfatizando cada particularidade que a interação apresenta.

Tendo em vista o que diz (MARCUSCHI, 1997, p. 6), que no estudo conversacional “o problema passa da organização para a interpretação”, expõe-se nesse sentido uma reflexão acerca dos processos que norteiam o que diz respeito ao estudo conversacional, levantando os questionamentos de: como são interpretados os processos cooperativos que contribuem para o estudo conversacional.

Dessa maneira, compreende-se a análise da conversação como um estudo de alta organização, banindo alguns conceitos de “estudo aleatório”. Assim, percebe-se que o estudo conversacional passa a ser visto como pesquisa científica, pois o estudo científico necessita de uma organização proveniente de uma pesquisa.

Justificando de maneira generalizada o estudo da análise da conversação, destaca-se a importância dada à interação como prática social que pode ser constituída, interpretada e percebida pelo indivíduo no dia a dia. Com isso, vê-se que a conversação é “claramente a categoria prototípica de uso lingüístico, a forma pela qual somos todos primeiramente expostos à linguagem” (LEVINSON, 2007, p. 361-362).

Para que haja a conversação, necessita-se de um ponto de iniciação conversacional, o qual se caracteriza indiretamente pela concepção de Ribeiro & Garcez (1998), que é defendida também por Fávero et al (1999) e Levinson (2007), afirmando que a conversação é permanentemente a troca dos papéis do falante e do ouvinte, ou seja, uma troca de atos de fala entre interlocutores, em um processo de pergunta e resposta, e não, estímulo-resposta, sendo esse o processo tão importante e conceitual do estudo da análise da conversação.

Contudo, o estudo da conversação não só pode ser concretizado pela conversa entre duas pessoas, mas, também, entre várias pessoas ao mesmo tempo. É importantíssima a presença de vários interlocutores no decorrer da conversação, para que, com isso, o estudo seja de maneira mais eficaz, diferenciando esse *corpus* do que caracteriza Goffman (*apud* MARCUSCHI, 1997, p. 15), em que um “simples acompanhamento lingüístico de ações físicas não caracteriza uma conversação”.

3.1. Transcrições conversacionais

Os estudos conversacionais são realizados a partir de coletas de dados de fala, que são coletados por meio da constituição de um *corpus*. O *corpus* se caracteriza pela comprovação da pesquisa conversacional, e é coletado por meio de gravações de áudio e vídeo.

É imprescindível que o analista conversacional seja fiel ao *corpus* por ele coletado, pois o processo de análise de estudos conversacionais enfatiza tudo o que acontece durante a coleta de dados, seja de um movimento barulhento, até uma pausa dada pelo informante durante a conversação.

Para Schifffrin (1994), através da análise da conversação, podemos fazer as mais variadas inferências que sobre seus interlocutores, bem como compreender uma realidade social, sua idade, sexo e formas de produção da oralidade.

Tem-se em vista que a análise da conversação deriva de material empírico, em que são reproduzidas conversações reais, levando em conta principalmente detalhes entonacionais, paralinguísticos e outros. Como afirma (BINET, 2012): “Transcrever, anotar e analisar gravações de interações conversacionais é o terreno iniciático da análise da conversação e da microetnografia. A formação inicial e avançada em análise da conversação assenta na prática da transcrição”.

As transcrições conversacionais são os dados que concretizam o *corpus* dos estudos da análise da conversação. É conceituada por expor tudo o que acontece na conversação, de um leve bocejo a uma pausa dada por um dos interlocutores.

Para o processo de transcrição conversacional, o pesquisador deve centrar-se individualmente no *corpus* coletado, pois é nele que irá conter tudo o que ocorreu durante a conversação, sendo assim, ponto principal no processo de transcrição conversacional.

Como foi colocado acima, as transcrições conversacionais abordam todas as ocorrências da conversação, para isso, são utilizados símbolos que representam as várias realizações presentes na conversação. Na tabela abaixo, tem-se o Sistema de transcrição oral REDIP, adaptado por Ramilo e Freitas (2002).

Sistema de Transcrição Oral REDIP	
Símbolo	Ocorrência
,	Pausa sintática breve
.	Pausa sintática longa
eh (uma vez)	Hesitações e pausas preenchidas
...	Outras pausas, interrupções e reformulações
hum (uma vez)	Acordos
?	Interrogação
!	Exclamação
A	Enunciados simultâneos
(...)	Sequências incompreensíveis
[...]	Cortes, interrupções na gravação e interrupções na transcrição.
L1, L2, L3...	Identificação dos locutores

O projeto REDIP, constituído a partir dos estudos de Ramilo & Freitas (2002), desenvolveu a tabela acima, a fim de nortear os estudos da conversação, pois, como se sabe, o processo de transcrição conversacional necessita da utilização de símbolos, e estes, estão apresentados na tabela, facilitando o trabalho dos pesquisadores da análise da conversação.

4. Descrição e análise de dados

Inicialmente, partindo para a constituição do *corpus*, foram escolhidos aleatoriamente oito colaboradores, levando em conta as variáveis de:

- a) Idade;**
- b) sexo;**
- c) escolaridade.**

Dando continuidade, iniciou-se o processo de coleta dos dados de fala. Para isso, foi elaborado um questionário para ser utilizado pelo P, para fim de ser respondido oralmente pelo L1, L2, L3, e assim sucessivamente.

Após a coleta do *corpus* em forma de gravações de áudio, realizaram-se criteriosas transcrições conversacionais a fim de investigarmos as ocorrências das pausas nas conversações. A análise será apresentada em tópicos e conduzida aos resultados em gráficos, de acordo com o controle das variáveis em estudo.

Para apresentar as variáveis utilizadas nesta pesquisa, voltamos esta análise para o que (GUY; ZILLES, 2007, p. 208) afirmam. “Outra prática comum é o pesquisador apresentar, também, antes da discussão detalhada dos resultados”.

4.1. Sexo

Denominou-se primeiramente a variável sexo, no intuito de apresentar de maneira generalizada as ocorrências das pausas nos dados de fala. Diante mãos, foram escolhidos quatro informantes homens, e quatro informantes mulheres, para que, com isso, seja mais fácil de desenvolver a análise dos dados das demais variáveis.

Dito isto, apresenta-se abaixo a porcentagem correspondente à variável sexo:

- Homens: 70%**
- Mulheres: 30%**

Visto os resultados apontados no gráfico acima, vê-se que os informantes homens acabaram sendo mais responsáveis pelos excessos de ocorrências de pausa sintática longa nas conversações, tendo, então, um resultado de 40% a mais que os resultados das mulheres.

Contudo, percebe-se que as mulheres possuem mais segurança ao responder oralmente os questionamentos apresentados.

A seguir, vejamos os resultados da variável idade, destacando o nível de especificidade da primeira para a segunda variável abordada.

4.2. Idade

A variável idade foi denominada em segundo plano, no intuito de explorar de maneira geral, mas, mais específica no que se compara com a variável sexo. Com isso, apresentam-se abaixo as porcentagens correspondentes às idades dos homens:

33 anos: 17%
23 anos: 58%
32 anos: 2%
42 anos: 23%

Referindo-se aos homens, percebe-se que a idade influenciou bastante nos resultados, pois como tivemos informantes que realizaram um grande número de ocorrências, tivemos outros informantes que tiveram um número razoável de ocorrências, como também um dos informantes cometeu um número minúsculo de ocorrências de pausa sintática longa.

A seguir, serão apresentadas às porcentagens correspondentes às idades das mulheres:

23 anos: 52 %
33 anos: 25%
32 anos: 3%
42 anos: 20%

No que diz respeito às ocorrências realizadas pelas mulheres, viu-se que duas das quatro informantes realizaram um número semelhante de ocorrências, uma das informantes realizou um grande número de ocorrências, como também durante a coleta de dados de fala de uma das informantes, quase não foi possível destacar alguma ocorrência, visto, então, a segurança oral que a informante possui.

4.3. Escolaridade

A variável escolaridade foi escolhida por último, pois, diante dos resultados acima, viu-se a necessidade de especificar mais ainda os motivos pelos quais os informantes cometeram os excessos e as faltas das ocorrências de pausa sintática longa. E, portanto, esclarecer alguns questionamentos que surgiram a partir dos resultados apresentados acima.

As porcentagens a seguir correspondem às ocorrências no ponto de vista da variável escolaridade.

Ensino Superior: 30%

Ensino Fundamental: 70%

Diante do exposto, pode-se ver que houve uma diferença significativa na porcentagem de ocorrências, quando diz respeito à escolaridade.

Como nosso objetivo foi detectar as ocorrências, destacam-se os excessos da pausa sintática longa. É nesse sentido de variável que o norteamento da pesquisa se torna mais visível durante a análise, quando se trabalhou com os níveis fundamental e superior de escolaridade.

5. Conclusão

Coincidindo com o que foi exposto no decorrer desse artigo, é válido ressaltar as seguintes considerações finais:

- a) Quando se pensou em realizar uma pesquisa no âmbito da análise da conversação, partindo do princípio do estudo enunciativo, em que o principal objetivo era destacar as ocorrências da pausa sintática longa, foi desbravar de maneira mais específica uma das características do sistema de transcrição oral – REDIP, sendo assim, a pausa sintática longa.
- b) Destacando a análise da conversação como pertencente à linguística da enunciação por estudar a interação, vê-se que a presente pesquisa de instituiu significativamente em uma característica tão natural quanto à interação verbal que ocorre nas conversações formais e informais no cotidiano diário.
- c) O controle das variáveis serviu como base para a obtenção dos resultados, pois disseminando resultados em relação aos aspectos de sexo, idade e escolaridade, torna a pesquisa mais completa e objetiva, ne-

cessitando da elaboração de gráficos para a apresentação.

- d) Com isso, percebe-se que o método de transcrições conversacionais a partir da interação verbal pode nortear pesquisas de tantas outras áreas que tem como objetivo o estudo da língua em geral, em seus mais variados aspectos e concepções, tendo em vista que os estudos da língua são inacabáveis, e ainda esperam por novas concepções e objetivos de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. *Le marxisme et la philosophie du langage*. Essai d'application de la méthode sociologique en linguistique. Paris: Minuit, 1977.

BINET, M. *A transcrição como teoria em reconstrução: a indução como prática metodológica*. Documento de Trabalho do GIID nº 37. Lisboa: FCSH-UNL, 2012.

CUNHA, D. A. C. A linguística da enunciação e o ensino de língua portuguesa no Brasil. *Revista do GELNE (UFC)*, Fortaleza, vol. 1, n. 1, p. 45-48, 1999.

FAVERO, L. L. et al. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias da pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

GIACOMELLI, K. Linguística da enunciação: um campo a ser disciplinarizado. *Cadernos de Estudos Lingüísticos (UNICAMP)*, Campinas, vol. XXXIV, p. 833-838, 2005.

GIACOMELLI, Kátia. *Ciência, disciplina e manual: É. Benveniste e a lingüística da enunciação*. 2007. 194 p. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

GOFFMAN, Erving. *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

GUY, Gregory. R; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Trad.: Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

LEVINSON, Aníbal Mari. *Pragmática*. Trad.: Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1997.

RAMILO, M. C; FREITAS, T. A linguística e a linguagem dos média em Portugal: descrição do projecto REDIP. *Actas do XIII Congresso Internacional da ALFAL*, 2002. Disponível em:

<<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2002-redip-redip.pdf>>. Acesso em: 27-07-2014.

RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. (Org.). *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.

ROSA, Margaret de Miranda. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto, 1992.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. e JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, n. 50, p. 696-735, 1974.

SCHIFFRIN, D. *Approach to discourse*. Cambridge: Blackwell, 1994.